Unidade II. Homenagem a Emilio Mira y López
Parte III – Mira y López: 50 anos depois
**Cap. 9 – Emilio Mira y López: Suas valiosas contribuições à
psicoterapia médica durante seu exílio na Argentina (1940-
1944)**

Rosa Falcone

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FALCONE, R. Emilio Mira y López: Suas valiosas contribuições à psicoterapia médica durante seu exílio na Argentina (1940-1944). In: JACÓ-VILELA, A.M., and OLIVEIRA, D.M., orgs. *Clio-Psyché: discursos e práticas na história da psicologia* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 117-128. ISBN 978-85-7511-498-8. Available from: doi: [10.7476/9788575114988.0011](https://doi.org/10.7476/9788575114988.0011). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/27bn3/epub/jaco-9788575114988.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Capítulo 9

Emilio Mira y López: suas valiosas contribuições à psicoterapia médica durante seu exílio na Argentina (1940-1944)

Rosa Falcone

Contamos com interessantes estudos sobre Mira y López que assinalaram duas etapas do seu pensamento: a de Espanha e a de seu exílio; e dois momentos em sua vasta produção: a obra psicotécnica e a psicanalítica (Carpintero, 1994a, 1994b; Carpintero e García-Ferrero, 1993; Sáiz, 1991, 1986; Sanchez Lázaro, 1985, 1986; Tortosa, 1989; Gracia Gillen, 1995; Klappenbach, 1999; Druet, 2011, entre outros). Na Espanha, Mira foi médico do serviço psiquiátrico de Barcelona (1925), professor de psiquiatria, e catedrático de psicologia jurídica na Facultad de Derecho e de psicologia experimental na Facultad de Ciencias em Barcelona. Iniciou, em 1919, seu trabalho como “orientador profissional” até obter o cargo de Chefe do Laboratório de Psicofisiologia do Instituto de Orientación y Selección Profesional, instituição modelo em seu gênero. Em 1938, participou como chefe dos Serviços Psiquiátricos e de Higiene Mental do exército espanhol republicano na Guerra Civil Espanhola (1936-39). Em seguida, foi à França e à Inglaterra, e, posteriormente, ao continente americano. Em 1940, trabalhou no Mundsley Hospital de Londres. Surgiram dessas experiências as Fichas Profissiográficas elaboradas por Mira y López, as quais contêm os requisitos psicofisiotécnicos dos principais trabalhos profissionais. Em Londres, apresentou o resumo de uma de suas maiores contribuições à psicologia: o Teste Psicodiagnóstico Miocinético (PMK), técnica de investigação da personalidade que se impôs ao mundo. Esta é a face de Mira que mais transcendeu.

Na etapa de seu exílio na Espanha, Mira ministrou conferências e cursos na Universidad de la Habana, na Universidad de Santiago de Chile e na Universidad de Montevideo. Residiu na Guatemala e viveu no Brasil entre

1945 e 1964, ano de sua morte. Na Argentina, permaneceu entre 1940 e 1944, após uma curta estadia no Uruguai (Montevideu), entre abril de 1944 e setembro de 1945, quando se instalou no Rio de Janeiro¹.

Apesar dos poucos anos em que residiu na Argentina, fez carreira docente universitária e ministrou conferências na Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación da Universidad de La Plata, no Colegio Libre de Estudios Superiores da Universidad de Buenos Aires, na Facultad de Medicina da Universidad del Litoral, na Facultad de Filosofía y Letras e na Facultad de Medicina da Universidad de Buenos Aires. Foi Membro Honorário da Sociedad Argentina de Psiquiatría e do Círculo de Médicos legistas de Rosario (Província de Santa Fé, Argentina). Lá foi designado diretor dos Serviços Psiquiátricos e de Higiene Mental, em 1943. Também se destaca na estadia de Mira na Argentina sua entrada no movimento de Higiene Mental. A esse respeito, colaborou na organização da higiene das doenças mentais com Gianfranco Ciampi, na cidade de Rosário, permanecendo próximo da Universidad del Litoral, fundando e dirigindo o Hospital Psiquiátrico da Província de Santa Fé, que ainda leva seu nome.

Seu reconhecido discípulo na Guatemala, Fernando de León Porras, fez uma lista completa das publicações de Mira y López em seus 25 anos de exílio vividos no continente americano. Essa lista concentra mais de quinhentos artigos científicos sobre psiquiatria, psicologia e disciplinas afins em revistas especializadas de toda parte do mundo e escritos em diversos idiomas; prólogos em trinta obras de outros autores; e livros publicados em número de 32, muitos deles com honras de tradução para o francês, o inglês e o português. Fundou importantes revistas especializadas, como a *Revista Catalana de Psiquiatría y Neurología* e os *Archivos Brasileiros de Psicotécnica*, que seguiram ininterruptamente de 1947 à atualidade (Porras, 1964).

No que diz respeito à curta estadia de Mira na Argentina, surpreende a vasta obra publicada. Entre outros, e sem ânimo de ser exaustivo, mencionarmos: *Problemas psicológicos actuales*, Ed. El Ateneo, 1940; *Instantáneas psicológicas*, Ed. Bajel, 1943; *Psicología evolutiva del niño y el adolescente*, Rosario, Argentina, 1941; *El niño que no aprende*, Ed. Kapelusz, 1947; *Manual de orientación profesional*, 1.^a Ed. Kapelusz, 1947, com prólogo de A. Calcagno; *Cua-*

1. No Brasil fundou o Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas em 1946. Sobre o percurso de Mira no Brasil, ver também: Jacó-Vilella e Müllberguer (s. d.).

tro gigantes del alma: el miedo, la ira, el amor, el deber, Ed. El Ateneo, 1947, edição em português: José Olympio, Rio de Janeiro, 1949; *Psiquiatria básica*, Ed. El Ateneo, 1948, em português: Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1949; *Cómo estudiar y cómo aprender*, Ed. Kapelusz, 1948; *Psicología experimental*, Ed. Kapelusz, 1955; *Guía de la salud mental: normas prácticas de higiene psíquica*, Ed. Oberon 1956, edição em português: Olympio, 1952; *Manual de psiquiatria*, El Ateneo, edição em português: Ed. Científica, 1944; *Compendio de psiquiatria*, Ed. El Ateneo, 1958; *Temas actuales de psicología aplicada*, Ed. Oberon; *Hacia una vejez joven*, ed. Kapelusz, 1961; edição em português: Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1961; *Psicodiagnóstico Miokinético*, Ed. Paidós, 1957; e *Manual de psicoterapia*, Ed. Aniceto López, 1942, edição em português: Ed. Científica, Rio de Janeiro, 1949.

Duas importantes editoras argentinas, Kapelusz e El Ateneo, que se destacaram por difundir temas de psicologia e educação na época, foram as responsáveis por publicar quase a totalidade da obra de Mira na Argentina em primeira mão e, depois traduzidas ao português.

Destacam-se, além da publicação de seus livros, as contribuições realizadas em diversas revistas com ampla circulação em Buenos Aires, tal como o caso da *Revista Psicoterapia*,² que, no número de 1937, dedicado ao pensamento espanhol, Mira publicou da Espanha. Sua contribuição levou o título de “Breviario de Higiene Mental” (Mira y López, 1937). O mesmo ocorreu com sua colaboração entre 1952 e 1954, já radicado no Brasil, para a *Revista Latinoamericana de Psiquiatria*, edição bilíngue português-espanhol dirigida por Gregorio Bermann e Claudio de Araujo Lima, na qual publicou um artigo sobre a organização da assistência aos alienados (Mira, 1952), ambos de ampla difusão na Argentina (Rossi et al., 2004).

Depois de sua morte, Emilio Mira deixou gerações de professores, psicopedagogos, psicólogos, psiquiatras e psicotécnicos formados a partir de seu ensino e teorias, expostas não apenas por meio de inumeráveis cursos, como também em mais de trinta livros, alguns dos quais ainda seguem sendo reeditados no Brasil, na Argentina e no México.

2. *Revista de Psicoterapia-Psicología Médica-Psicopatología-Psiquiatria-Characterología-Higiene Mental*, Córdoba, n. 1 y 2, Córdoba, Argentina.

A psicoterapia no campo médico dos anos 1930 e 1940 na Argentina: a chegada de Mira y López

O primeiro livro de Mira y López editado em Buenos Aires é o *Manual de psicoterapia* (Aniceto López (ed.), 1942), que corresponde ao curso que ministrou sobre a disciplina durante o ano de 1940, na Facultad de Medicina porteña³. Seu objetivo foi apresentar um panorama dos métodos psicoterápicos da época, tratando de evitar o defeito de proporcionar uma visão unilateral, em que tomou o movimento freudiano junto com outras doutrinas psicológicas de então, dentre as quais se destacam a psicologia individual de Adler, a psicoterapia de Jung, a psicoterapia psicagógica, a psicoterapia de Shultz e a de Schilder, a psicoterapia existencial de Binswanger etc.

No prólogo no *Manual*, datado de outubro de 1941, Mira se pergunta:

Por qué no hay lugar para la enseñanza de la psicoterapia. No hay psicoterapeutas como sí hay urólogos, fisiatras, etc. [...]. De ello deriva no sólo el mantenimiento sino el auge de actividades paramédicas de todo género a las que millares de dolientes van en busca del alivio, que no supieron darle los galenos rabiosamente empeñados en la captura del foco lesional (Mira, 1942, p. 7).

Mira sempre combateu o charlatanismo, especialmente de “quienes se aprovechan de la psicología para hacer ejercicio ilegal de la medicina” (Iruela, 1993, p.?). É assim que, com sua chegada à América, afirma que o psiquiatra não deve ignorar as tendências filosóficas, e sim possuir uma grande base psicológica para o tratamento de prevenção da doença mental. O psicólogo deve ter uma base biológica, filosófica e psicológica muito boa para penetrar nos terrenos da psicologia aplicada, da educação e da seleção profissional, do trabalho industrial e da clínica (Mira, 1942).

De acordo com essas falas, Mira (1942, p. II) inscreve a psicoterapia como uma especialidade médica e a define como “la terapia por la *psique*, es decir acción curativa obtenida mediante el empleo de recursos que obran directamente sobre la persona enferma y no sobre su organismo o cuerpo”. Ele supõe tomar posição doutrinária nas denominadas ciências do espírito porque é

3. O médico psicanalista argentino Arnaldo Rascovsky escreveu, no primeiro número da *Revista de Psicoanálisis* (publicação da Asociación Psicoanalítica Argentina), uma crítica indignada do livro de Mira y López, acusando-o de apresentar de maneira errônea e superficial a teoria e a técnica psicanalítica.

do homem que se trata. O objeto da psicoterapia é o homem “que sofre o que hace sufrir” (Mira, 1942, p. 11), sendo a finalidade desta suprimir o sofrimento humano, e os da psicoterapia médica, colaborar com a somatoterapia (ou seja, a terapia do corpo) no reestabelecimento da normalidade biológica.

No curso de seu livro, o autor retorna a uma frequente discussão sobre o caráter que deveria ter a normalidade e a anormalidade em relação às patologias, sustentando que não cabe se apoiar nesses conceitos, pois há enfermidades normais (cáries etc.) na medicina atual – normalidade, nesse sentido, é frequência ou norma. Tampouco deve fundamentar-se a anormalidade na existência de sintomas, pois estes mesmos podem faltar em muitos casos; nem no “concepto de morbo en la vivencia de la enfermedad” (Mira, 1942, p. 25). Em suma, vê-se obrigado a admitir que o doente é todo aquele que solicita os serviços profissionais que um médico crê e pode oferecê-lo.

Curiosas cerimônias preenchem as páginas de curas milagrosas que combinam magia com a prática do curandeiro e, mais tarde, a magia transformada em religião, em que a divindade conversa com o espírito doente. No cristianismo, predominaram as curas espirituais com o indubitável caráter sugestivo dos atos de purificação. A época da medicina como ciência natural lançou a primeira classificação das doenças e começou a especificar as áreas de ação da psicoterapia e da somatoterapia (fins do século XVIII). As forças das curas espirituais estavam esgotadas, afirma Mira. No século XIX, ao mesmo tempo que havia um progresso dos conhecimentos psiquiátricos e triunfava a concepção cerebral da mente humana, começou a se formar o edifício da psicologia profunda de Freud (Mira, 1942). A psicanálise e a chamada medicina moral (P. Janet) introduziram uma concepção científica no campo psicoterápico. Compreenderam-se pela primeira vez os mecanismos de cura mental, em que cada tipo de doente necessita de um tipo de psicoterapeuta, um tipo de técnica e uma base ambiental para ser sensível ao influxo curativo. Hoje, afirma Mira, “la psicoterapia se integra a la psiquiatria que ha hecho vincularse a médicos psicoanalistas, pedagogos, sociólogos, juristas, psiquiatras y psicólogos. La psicoterapia se ha hecho predominantemente educadora, correctora y psicagógica” (1942, p. 47).

Contudo, para Mira, o psicoterapeuta médico não deve buscar a classificação diagnóstica para o doente, mas a ampla e integral compreensão dos fenômenos (subjetivos e objetivos, permanentes e acidentais) que o levaram a precisar de sua ajuda. Além disso, deve ver quais são as correspondências que

existem entre eles, estudando as atitudes de reação pessoal do paciente diante do fato mórbido, do ambiente e da sua própria intervenção terapêutica. Então, e apenas então, poderá estabelecer a pauta de modificações que precisa fazer no sujeito, em seu ambiente e em sua relação pessoal com ele mesmo para obter o máximo benefício com a formulação de um plano terapêutico, um plano de vida e um plano social conveniente.

No capítulo II de seu *Manual*, Mira aborda a problemática atual da psicoterapia e ali diz que, hoje em dia, a medicina é integralmente psicossomática, e a psicoterapia ocupa, quando menos, o mesmo alcance que a somatoterapia na atuação médica. O cientista sustenta que a concepção médica se baseia na natureza “psicobiossocial do homem”, que permite a recíproca influência ou correspondência entre seus diversos planos funcionais, e das técnicas de que podemos nos valer para conseguir a harmonia entre eles, o ajuste entre o indivíduo e seu mundo. Daí que a psicoterapia transcende a simples ciência natural da medicina, já que deve admitir aspectos existenciais que transbordam às necessidades vitais (Mira, 1942, p. 25). Mira diz haver descoberto o mérito principal da escola psicanalítica, e é “lo que ha hecho factible la comprensión profunda de las acciones humanas y de sus motivaciones, dando entrada a la psicoterapia científica (Mira, 1942, p. 26).⁴

Ressalta no pensamento de Mira o reconhecimento dado à psicanálise freudiana, cujos recursos permitem dedicar-se ao caso individual. Assinala que Morton Prince, Pierre Janet e Sigmund Freud foram aqueles que impulsionaram, nas culturas inglesa, francesa e germânica, o interesse dos especialistas ao novo e fecundo campo da psicoterapia, “más de todos ellos ha sido el último quién ha descollado de tal modo que va a merecer atención exclusiva” (Mira, 1942, p. 107). Então, é possível afirmar que Mira reconhecia perfeitamente a disciplina instaurada por Freud como psicanálise, ainda quando este nome tinha uma multiplicidade de concepções e muitas delas tinham um significado circunstancial. O autor ocupou boa parte de sua produção (anterior a 1936) em elucidar as contribuições realizadas por Freud e se dedicou a divulgar seu método especialmente em seu livro sobre as doutrinas psicológicas (Falcone, 2012; Rossi et al., 2014).

4. Todavia, o autor adverte em seus textos que a imensa maioria de psicoterapeutas atuais empregaram o que se chamou de “análise breve” (“short analysis”), seguindo a orientação proposta por Stekel, o qual havia afirmado que bastava poucas semanas de investigação para conhecer com suficiente precisão a arquitetura geral da personalidade.

Vários são os autores que analisaram a incidência da psicanálise freudiana na obra de Mira y López (Carpintero-Mestre, 1988; Gutierrez, 1984; Sanchez Lázaro, 1985-86; Marquez, 2006; Terrazas, 1984; Druett, 2011; García, 1978). Sanchez Lázaro ressalta que Mira pertenceu a uma geração (a de Láfora, Sacristán, Sanchís Banús etc.) que pode e deve ser considerada como a primeira geração psiquiátrica espanhola. Essa geração se libertou da influência francesa que havia marcado a psiquiatria espanhola do século XIX, e esteve atenta a todas as novidades da língua alemã, entre as quais deve incluir-se a psicanálise (Sánchez Lázaro, 1986). Assim como outros médicos de sua época, Mira não se submeteu à análise pessoal, nem teve uma formação especificamente psicanalítica, mas estudou os textos de Freud e de seus discípulos, falou e escreveu sobre psicanálise, e inclusive a aplicou mais ou menos livremente em seus pacientes.

Em seu estudo, Iñiqui Marquez assinala que, quando começou a guerra civil, em 1936, o interesse pela psicanálise estava sendo impulsionado por Mira y López em Barcelona, e Rodríguez Láfora e Sanchís Banús, em Madrid, ainda que somente houvesse dois psiquiatras espanhóis que receberam a formação e o treinamento psicanalítico: Angel Garma (Membro fundador da Asociación Psicoanalítica Argentina) e Ramón Sarró (adjunto de Mira y López), em Berlim e Viena, respectivamente. Ambos eram da geração que havia nascido com o início do século, mais receptiva às ideias freudianas (Marquez, 2006, p. 350).

Não podemos, sem risco de superar a extensão deste trabalho, investigar a técnica e as fases gerais da terapia psicanalítica freudiana estabelecidas por Mira. Não obstante, fazendo uma ligeira síntese, apontamos o que Mira resgata da psicanálise: a exploração e a compreensão do caso; o interrogatório; “a pressão”; a prova das “associações livres”; a “interpretação dos sonhos”; e a “análise dos atos falhos e sintomáticos”. Para a dominação e sublimação dos impulsos, valoriza a “la creación, manejo y liquidación de la transferencia afectiva” (Mira, 1942, p. 131). Os princípios gerais da psicanálise freudiana são: a sublimação, a projeção, a racionalização e a teoria da libido.⁵ Por último, descreve três fases da atuação psicoterápica: a primeira é a do doente que, de um modo mais ou menos subconsciente, opõe-se por meio de sua resistência

5. Não se pode expor com detalhes a exploração e a atuação corretora levada adiante por Mira no que ele denominava “cura psicanalítica”, ao menos se resgata a ideia de integração e sucessão de fases bem delimitadas. Ver no apêndice do *Manual de Psicoterapia*, como exemplo, as normas para o emprego das provas de “associações determinadas” e “associações livres” (Mira y López, 1942).

pessoal; em seguida, consegue-se que colabore com o médico na luta contra os sintomas; na terceira, obtém-se a luta contra as causas ou os motivos dos mesmos, e procede a “corregir el perfil de su Destino” (Mira, 1942). Mira recomenda, para superar a primeira fase, falar pouco e escutar muito, explorar mais que interpretar. Na segunda, pôr em jogo as técnicas sugestivas; e, na terceira, recorrer às técnicas psicagógicas.

Nos últimos capítulos de seu *Manual* (IX, XI, XII), Mira desenvolve as vantagens e inconvenientes da utilização do que considera métodos auxiliares à psicoterapia: gminoterapia, ludoterapia, laborterapia ou ergoterapia e a necessidade de sua formulação científica no plano terapêutico geral. Ocupa parte do capítulo XIII no desenvolvimento da psicoterapia, nas síndromes organo-neuróticas, na psicoterapia das síndromes obsessivas, psicoterapia de gagueira e dislalias; a psicoterapia dos alérgicos (citando o argentino Emilio Pizarro Crespo, Jorge Thenon e Gregorio Bermann, que vinham trabalhando sobre a neurose obsessiva com artigos divulgados na *Revista Psicoterapia* (1936-37, n. 2-3). Por último, ocupa-se, no capítulo XIV, dos doentes cardíacos, das toxicomantias, da psicoterapia dos estados de tristeza, ansiedade e dor. No seu apêndice, decide o médico geral alguns dos meios que podem servir para adquirir uma correta orientação sobre a estrutura pessoal de seus doentes, já que afirma que “sem diagnóstico acertado não pode fazer terapia efetiva”, fornecendo pautas gerais para aplicação do “Psicodiagnóstico miokinético”, que julga essencial para a formação dos médicos.

Considerações finais

Para terminar, diremos, como conclusões parciais da indagação realizada, ser indubitável que Mira, ao propor a condição de médico como garantia da prática psicanalítica, terminaria afirmando que a medicina é o fundamento da prática psicoterapêutica, na contramão do que Freud vinha argumentando acerca de que a medicina era a principal resistência à psicanálise. Contrasta a ampla posição de Mira com a firme e fechada posição freudiana, refletida desde suas *Cartas a Fliess*, procurando evitar que a psicanálise fosse considerada uma escola a mais da psicologia.

A doutrina freudiana foi tomada pelo movimento psicanalítico argentino como uma escola psicológica a mais. O enfrentamento com Freud era evidente para quem considerava a psicanálise uma corrente psicológica nova, exclu-

dente de outras e capaz de penetrar no mais além da consciência. Ainda assim, a técnica psicanalítica começava a ser considerada uma ferramenta terapêutica valiosa na compreensão do homem, convertendo-se num recurso esclarecedor para a abordagem psicossomática da medicina.

O curso de Mira y López ministrado na Facultad de Medicina, durante sua viagem de 1940, produziu um impacto na sociedade médica argentina de então, que debatia sobre a importância, a relevância e a efetividade da psicoterapia médica. Mira representa a afirmação da estratégia médica ao assinalar que falta nas faculdades médicas dos países latinos o ensino oficial de psicoterapia. Opera-se um deslocamento das teorias psicanalíticas na compreensão psicossomática do homem.

Para completar a visão da época, recordamos que o *Manual de psicoterapia* de Mira, publicado em seu curto exílio na Argentina, coincide com a fundação, em Buenos Aires, da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA, 1942), reconhecida oficialmente como filial da Associação Psicanalítica Internacional. Nesse mesmo ano, aprova-se a especialidade de psiquiatria na Facultad de Medicina de la Universidad de Buenos Aires, pela qual se legitima, ao mesmo tempo, a formação de psicanalistas médicos na APA e a formação universitária de médicos psiquiatras, ambos com a exigência acadêmica de título de médico. Mira y López acompanha esse processo quando afirma, desde as aulas da Facultad de Medicina, que falta o ensino da psicoterapia como uma das tantas especialidades médicas.

O primeiro número da *Revista de Psicoanálisis* (órgão de difusão da APA.) aparecia no começo de 1943, repetindo afirmações que Mira havia pronunciado em seu curso de psicoterapia. A *Revista* inaugurou-se com a publicação da carta de saudação de Ernest Jones dos Estados Unidos. Nessa carta, Jones afirma que a psicanálise nasceu como uma necessidade terapêutica para interpretar e aliviar os sofrimentos de um setor de pacientes. A psicanálise freudiana forneceu suas teorias para a institucionalização da APA. e se converteu numa medicina ampliada que inclui a psiquiatria e a psicanálise.

A discussão que sobrevoa a fundação da APA. está compreendida no seio da afirmação da estratégia médica, já que o interesse pela medicina psicossomática rapidamente substituiu a psicanálise freudiana, propiciando uma hegemonia médica e a exclusão, por muitos anos, dos psicólogos (não médicos) do campo da psicoterapia. Nesse panorama, formou-se a Sociedad de Psicología Médica y Psicoanálisis (1940) dentro da Asociación Médica Argentina, presidida por Juan R. Beltrán (conhecido divulgador argentino da psicanálise).

Essa interpretação permite entender as reflexões do psicanalista Germán García quando diz que, enquanto a APA fez a passagem de Freud à medicina psicossomática, os desejos de Jones foram satisfeitos (García, 1978).

Por último, uma reflexão final para entender, no ecletismo reinante dos anos trinta em Buenos Aires, a virada produzida a partir da carta de Ernest Jones, que vem representar a aprovação dos Estados Unidos, convertido em um polo de difusão e legitimador dos projetos terapêuticos e preventivos. Nesse país, tem origem o movimento de higiene mental, impulsionado por Clifford Beers, como uma tentativa de reformar as condições da psiquiatria manicomial. Tal movimento levou à organização de ligas em diversos países que promoveram o tratamento psicoterapêutico em consultórios externos a fim de evitar os internamentos. O impulso da psicoterapia havia levado a psiquiatria norte-americana a convidar Janet, em 1904, e logo Freud, em 1909, para a Clark University de Worcester, em Boston. Desse modo, o movimento de higiene mental transladou, posteriormente, dos Estados Unidos à Europa e Argentina, promovendo o uso da “cura psicanalítica” no contexto dos modelos psicoterápicos da medicina. Tudo isso permitiu que a psicologia médica se desenvolvesse e o fizesse no sentido da psicoterapia.

É provável que a importante participação tanto de Rodríguez Láfora como de Mira y López no movimento de higiene mental na Espanha tenha sido um dos fatores que contribuíram para a difusão das técnicas freudianas, que se propagaram rapidamente, não apenas nesse país, como também na Argentina. Pensamos que a estadia de Mira nos Estados Unidos joga a favor dessas afirmações, as quais difunde logo no seu *Manuel de psicoterapia*. De acordo com essa interpretação, encontramos resultado significativo ao retomar o curso ministrado por Mira na Facultad de Medicina Porteña (assim como as conferências de Láfora, em 1923) que indubitavelmente removeram as estruturas reinantes e despertaram o interesse pela psicoterapia no país.

Referências

- Carpintero, H. *Historia de la psicología en España*. Madrid, España: Eudema, 1994.
- ____ e Lafuente, E. “Emilio Mira y López: un psicólogo español entre dos mundos”. Video y guía didáctica, UNED. Madrid, 1994.
- ____ e Mestre, M.V. *Freud en España: un capítulo de la historia de las ideas en España*. Valencia: Promolibro, 1984.

- De León Porras, Fernando . “Vida y obra del Profesor Doctor Emilio Mira y López. Sus contribuciones originales a la psiquiatría, la psicología aplicada y la educación”. *Revista Universidad de San Carlos*, Facultad de Humanidades de la Universidad de San Carlos, Guatemala, pp. 39-50, 1964.
- Druet, Anne-Cécile. “La psychiatrie espagnole et la psychanalyse des années 1910 à la guerre civile: de la presse médicale au discours social”. *El argonauta español*, n. 8, 2011.
- Falcone, R. “Las prácticas psicoterapéuticas del psicoanálisis y el problema del ‘análisis profano’ entre 1920 y 1930 en Argentina”. *IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología*, UBA, n. 3, pp. 24-9, 2012.
- García, E. et al. “La tesis doctoral de Emilio Mira y López: las correlaciones somáticas del trabajo mental”. *Revista de Historia de la Psicología*, v. 14, n. 3, pp. 139-52, 1993.
- García, G. *La entrada del psicoanálisis en la Argentina: obstáculos y perspectivas*. Buenos Aires: Altazor, 1978.
- Gracia Guillén, Diego. “Medio siglo de psiquiatría española: 1885-1936”. *Cuadernos de Historia de la Medicina Española*, n. 10, pp. 330-4, 1995.
- Gutiérrez Terrazas, J. “Apuntes para un estudio de la historia del psicoanálisis en España”. *Rev. Asoc. Esp. Neuropsiquiatría*, v. IV, n. 10, 1984.
- Iruela, L.M. Dr. “Emilio Mira y López, la vida y la obra. Psiquiatría, psicología y armonía social”. Publicación 10 de la *Colección Homenajes*, Universidad de Barcelona, 1993.
- Jacó-Vilella, A. e Mulberguer, A. “Es mejor morir de pie que vivir de rodillas: Emilio Mira y López y la revolución social”, cópia eletrônica, s/d.
- Markez, I. “El joven Garma: de Berlín y Madrid a la organización del psicoanálisis argentino”. *Revista Asoc.Esp.Neuropsiq.*, v. XXVI, n. 98, pp. 335-68, 2006.
- Mira y López, E. “Estat actual de les diverses escoles i doctrines psicològiques”. *Annals de Medicina*, ano XXIV, 1930.
- _____. *Los fundamentos del psicoanálisis*. Buenos Aires: Ed. Americalee, 1943. Edição em português, Rio de Janeiro: Ed. Científica, 1949.
- _____. “Breviario de higiene mental”. *Psicoterapia. Revista de Psicoterapia-Psicología Médica-Psicopatología-Psiquiatría-Characterología-Higiene Mental*, Córdoba, Argentina, ano II, n. 4, pp. 5-8, jan-maio 1937.
- _____. *Manual de psicoterapia*. Buenos Aires: Edición Aniceto López, 1942. Reeditado em versão facsímile, Barcelona, Espanha: Laboratórios Smithkline Beechan, 1997. Edição em português, Rio de Janeiro, Brasil, 1949.
- _____. “Organización de la asistencia a los alienados. *Revista Latinoamericana de Psiquiatría*, ano 1, n. 4, pp. 5-12, jul. 1952.
- _____. *Doctrinas psicoanalíticas, exposición y valoración crítica*. Buenos Aires, Kapelus, 1963.

- Klappenbach, H. "Mira y López, en Argentina: obstáculos para su establecimiento definitivo". *Acta Psiquiátrica y Psicológica de América Latina*, v. 45, n. 3, pp. 274-80, 1999.
- Revista de Psicoanálisis* (1936-37) I (1). Buenos Aires, jul. 1943. Mensajes de cordialidad, de Ernest Jones y Karl Menninger.
- Revista de Psicoterapia-Psicología Médica-Psicopatología-Psiquiatría-Characterología-Higiene Mental*, Córdoba, n. 1, pp. 5-19.
- Rossi, L. et al. "Emilio Mira y López en Argentina". *Revista Historia de la psicología*. Universidad de Valencia, España. V. 35, n. 2, pp. 93-110, 2014.
- Saiz, M. e Sáiz, D. *Personajes para una historia de la psicología en España*. Servicio de Publicaciones de la Universidad Autónoma de Barcelona, Ediciones Pirámide, Madrid, 1996.
- _____. et al. "Emilio Mira y López: nuevos datos bibliográficos. *Revista de Historia de la Psicología*, v. 12, n. 3-4, pp 211-20, 1991.
- Sanchez Lázaro, J. *La interpretación de Freud en la obra del Doctor Mira y López (1921-1936)* (tese de Licenciatura). Universidad Complutense de Madrid, 1985.
- _____. "El psicoanálisis de Freud en la obra de Emilio Mira y López (1921-1936)". *Revista Asoc. Esp. Neuropsiquiatría*, v. 6, n. 19, pp. 636-49, 1986.
- Szekely, B. *El psicoanálisis*. Buenos Aires: Ed. Colegio Libre Estudios Superiores, 1940.
- Tortosa, F. et al. "E. Mira y López en la Psicología Internacional". *Revista de Historia de la Psicología*, n. 10, 1-4, pp. 189-200, 1989.